

MOACIR GADOTTI, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, professor titular da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire, é autor, entre outras obras, de: *A educação contra a educação* (Paz e Terra, 1979), *Convite à leitura de Paulo Freire* (Scipione, 1988), *História das idéias pedagógicas* (Ática, 1993), *Pedagogia da práxis* (Cortez, 1994), *Perspectivas atuais da educação* (Artes Médicas, 2000), *Pedagogia da Terra* (Peirópolis, 2000) e *Os mestres de Rousseau* (Cortez, 2004).

- *Professor, dois conceitos – o de “Escola Cidadã” e o de “Cidade Educadora” – parecem orientar as ações mais recentes do Instituto Paulo Freire. O que se entende por Escola Cidadã?*

- Não se pode falar de Escola Cidadã sem compreendê-la como escola participativa, escola apropriada pela população como parte da apropriação da cidade a que pertence. Essa apropriação se dá através de mecanismos criados pela própria escola, como o Colegiado escolar, a Constituinte Escolar, o projeto político-pedagógico, plenárias pedagógicas e outros. Esse ato de sujeito da própria cidade leva para dentro da escola os interesses e necessidades da população. Quando Paulo Freire iniciou a sua gestão à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em 1989, ele fala em “Escola Pública Popular”. Foi no final da gestão que ele começou a falar nessa escola como “Escola Cidadã”, definindo-a como uma “escola de companheirismo”, uma escola que “vive a experiência tensa da democracia”. Nosso conceito de Escola Cidadã inspira-se nele.

- *Quando começou o movimento pela Escola Cidadã?*

- O movimento da educação cidadã, começou no final da década de 80 e início da década de 90. Inicialmente esse movimento estava muito centrado na democratização da gestão e no planejamento participativo. Aos poucos ampliou suas preocupações para a construção de um novo currículo (interdisciplinar, transdisciplinar, intercultural) e de relações sociais, humanas e intersubjetivas novas, enfrentando os graves problemas gerados pelo aumento da violência e da deterioração da qualidade vivida nas cidades e no campo. Uma década de inovação e de experimentação com base numa concepção cidadã da educação foi suficiente para gerar um grande movimento, uma perspectiva concreta de futuro para a escola, principalmente para a escola pública. Esse movimento demonstra que a sociedade civil está reagindo à tendência oficial neoliberal de internacionalização da agenda da educação com base nas “receitas” contidas em “recomendações” de organismos internacionais como o Banco Mundial e o FMI.

- *Qual é a relação entre o movimento da Escola Cidadã e o movimento das Cidades Educadoras?*

A cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. A vivência na cidade, por si só, se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente e espontâneo. Ela nos fala, às vezes, grita, nos chamando a atenção, proclamando os seus feitos, sua história. Precisamos parar para escutar a cidade. Nesse sentido, ela também nos educa. Ela é, ao mesmo tempo, educadora e educanda. Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa, quando, além de suas funções tradicionais – econômica, social, política e de prestação de serviços – ela exerce uma nova função, cujo objetivo é a formação para e pela cidadania.

- O que é educar para e pela cidadania?

- A resposta a essa pergunta depende da resposta à outra pergunta: o que é cidadania? Pode-se dizer que cidadania é essencialmente consciência de direitos e de deveres e exercício da democracia: direitos civis, como segurança e locomoção; direitos sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação, etc. direitos políticos, como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos e sindicatos, etc. Não há cidadania sem democracia.

- Qual é o papel da escola e do professor na educação para a cidadania?

- O papel da escola (cidadã), nesse contexto, é contribuir para criar as condições que viabilizem a cidadania, através da socialização da informação, da discussão, da transparência, gerando uma nova mentalidade, uma nova cultura, em relação ao caráter público do espaço da cidade. Numa perspectiva transformadora a escola educa para ouvir e respeitar as diferenças, a diversidade que compõe a cidade e que se constitui na sua grande riqueza. Para que a escola seja espaço de vida e não de morte, ela precisa estar aberta para a diversidade cultural, étnica e de gênero e às diferentes opções sexuais. As diferenças exigem uma nova escola. E não basta respeitar os diferentes; é preciso valorizar as diferenças como uma grande riqueza e não como uma deficiência. Diante dos novos espaços de formação, criados pela sociedade da informação, a escola os integra e articula. Ela deixa de ser “lecionadora” para ser cada vez mais “gestora” da informação generalizada, construtora e reconstrutora de saberes e conhecimentos socialmente significativos.

- O Instituto Paulo Freire é membro do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial e secretaria o Fórum Mundial de Educação. O FSM pode ser considerado um movimento educativo?

- O FSM trabalha como o lema “um outro mundo é possível”. Nós sustentamos que para outro mundo possível uma outra educação é necessária. O processo de construção de outro mundo possível é um processo eminentemente educativo. Não dá para entender a ação transformadora do Fórum Social Mundial sem compreendê-lo em sua dimensão pedagógica. Não dá para entender o processo do Fórum Social Mundial como um processo político sem levar em conta a sua dimensão pedagógica. Toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica. Toda relação pedagógica é

necessariamente política. Entender o FSM como um processo político de mudança, implica entender o FSM como um processo pedagógico de aprendizagem da mudança.

- *Qual é a grande contribuição pedagógica do Fórum Social Mundial? Como ele está articulado com o Fórum Mundial de Educação?*

- A grande novidade do FSM é que ele desbancou a descrença, o fatalismo neoliberal e o pensamento único. O pior não é o mundo que está aí. O pior é pensar que só esse mundo é possível. O pior é esse mundo transformado em fetiche. Como movimento pedagógico tanto um quanto outro opõem-se à crescente fetichização e à mercantilização da educação. A *fetichização* instaurou um mundo de insensibilidade e de naturalização de tudo. Só uma nova *conscientização* contra a fetichização poderá desbloquear esse travamento da humanidade. O FSM e o FME, por isso, se constituem num único e grande movimento de reeducação planetária que é uma educação para um outro mundo possível.

- *Em que consiste esta educação para um outro mundo possível?*

- Educar para outro mundo possível é educar para *conscientizar*, como queria Paulo Freire, para *desalienar*, para *desfetichizar*. O fetichismo transforma as relações humanas em fenômenos estáticos, impossíveis de serem modificadas. Fetichizados, somos incapazes de agir porque o fetiche rompe com a capacidade de fazer. Fetichizados apenas repetimos o já feito, o já dito, o que já existe. Educar para outro mundo possível é *visibilizar*, tornar visível o que foi escondido para oprimir, é dar voz aos que não são escutados. A luta feminista, o movimento ecológico, o movimento zapatista, o movimento dos sem terra e outros, tornaram visível o que estava invisibilizado por séculos de opressão.

- *Quando o FSM sustenta o ideal de um outro mundo possível está pensando num contraponto ao pensamento único neoliberal. Isso não seria o mesmo que opor um pensamento único a outro pensamento único?*

- Não. O FSM considera a diversidade como a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta. O que há de comum é a diversidade humana. Diante da diversidade humana abre-se a possibilidade da *diversidade de mundos possíveis*. A um pensamento único não podemos opor outro pensamento único. Por isso, educar para outro mundo possível é educar para outros mundos possíveis. Educar para outros mundos possíveis é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. Assim fazendo, estamos assumindo a história como possibilidade e não como fatalidade, como sustentava Paulo Freire. Por isso, educar para outros mundos possíveis é também educar para a *ruptura*, para a *rebeldia*, para a *recusa*, para dizer “não”, para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis. Denunciando e anunciando.

- Qual é o núcleo central da concepção neoliberal da educação à qual o FSM e o FME se contrapõem?

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esse paradigma, a educação para outros mundos possíveis respeita e valoriza a diversidade, convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade. O núcleo central da concepção neoliberal da educação é a negação do sonho e da utopia. Por isso, uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança.

Por que vocês insistem tanto na questão da mercantilização da educação?

- A mercantilização da educação é um dos desafios mais decisivos da história atual, porque ela sobrevaloriza o econômico em detrimento do humano. Só uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica, através da formação para a consciência crítica e para a desalienação. Educar para outros mundos possíveis é educar para a qualidade humana para “além do capital”, como nos disse István Mészáros na abertura da quarta edição do Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, em janeiro de 2005. A globalização capitalista roubou das pessoas o tempo para o bem viver e o espaço da vida interior, roubou a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas. Cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital.

- Diante disso, qual seria o grande desafio que se coloca hoje para os educadores e para a escola?

- Diante dos efeitos perversos da globalização opomos o paradigma da planetarização que consiste em pensar a terra como uma única comunidade, unra e diversa. Nosso desafio é construir uma outra lógica, reformar o pensamento, como diz Edgar Morin. Os paradigmas clássicos, arrogantemente antropocêntricos e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar a realidade de hoje. Por não ter essa visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Os paradigmas clássicos estão levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. Por isso, somos chamados hoje a pensar e agir a partir de uma nova cultura política e de uma visão de mundo essencialmente “conectiva”, como dizia Paulo Freire. Nós, educadores, como seres conectivos, somos seres que buscamos construir uma cultura da paz e da sustentabilidade.